

“VAMOS CONVIDAR UM ARTISTA?”: DUAS PESQUISAS DE EXTENSÃO A FAVOR DE PRODUÇÃO DE SABERES E MEDIAÇÃO JUNTO COM CRIANÇAS E JOVENS¹

Caterine Reginensi UENF-RJ

Teresa Peixoto Faria UENF-RJ

Introdução

Nesta proposta, pretendemos analisar as formas de ocupar os espaços da cidade de Campos dos Goytacazes², no seu cotidiano, com crianças e jovens (com idades compreendidas entre os 6 e os 20 anos). O objetivo é compreender como esses jovens praticam os espaços no dia a dia, dentro e fora do universo da favela, dos conjuntos habitacionais, do bairro. O que eles nos ensinam sobre a cidade, suas ruas e praças? Inclusive do campus universitário do qual se apropriam como lugar de brincar? Os projetos de duas pesquisas de extensão escolhidos para serem submetidos à análise são um convite a um novo olhar sobre as práticas de vida de crianças e adolescentes e a cultura periférica como fundamento de arte política.

Ademais, as formas de apropriação de espaços por essas crianças e jovens nos questionam, mais uma vez, sobre as categorias pré-estabelecidas para caracterizar as favelas apenas em termos de espaços precários e informais.

Além desta introdução, o artigo é composto de uma primeira parte que apresenta os dois projetos de extensão desenvolvidos respectivamente por Caterine Reginensi e Teresa Faria, no âmbito de uma universidade pública, a Universidade Estadual do Norte Fluminense, Darcy Ribeiro (UENF). Uma segunda explicita as nossas observações teóricas e metodológicas, pontuando a mediação com criança e adolescentes aqui vistas como atores de pleno direitos; o acesso desigual à cidade e a cultura periférica como

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Cidade de médio porte, localizada no norte do Estado do Rio de Janeiro, possui 463.731 habitantes, dos quais 418.725 (90,3%) moram em zona urbana e 15.777 moram em favelas (Fonte IBGE, 2010). A Prefeitura de Campos lançou, em 2009, o programa habitacional Morar Feliz, tendo como meta construir 10 mil casas populares para famílias que viviam em áreas de risco ambiental e/ou vulnerabilidade social. Este programa foi financiado com recursos provenientes dos royalties do petróleo. No final de 2012, apenas 5.426 unidades foram concluídas, em 14 conjuntos construídos em 10 bairros periféricos da cidade. No final de 2016, das 4574 casas restantes, 708 foram entregues e outras 682 ficaram inacabadas.

arte política. De uma terceira parte, em que apresentamos o artista 2-SHY e o contexto de sua vinda ao Brasil e a experiência dos dois projetos com o artista.

Encerramos, com as considerações finais, onde, com as nossas experiências com os projetos e em diálogo com De Certeau (2014) a partir do conceito de “antidisciplina”, abrimos a perspectiva de que é do “potencial criativo dos sujeitos durante as relações sociais, que remete ao lugar por excelência da liberdade e da criatividade”.

1 Relatando as experiências de dois projetos de extensão

O projeto AntropoArte ou de uma pesquisa à outra...

“A cidade como arena de oportunidades” resume o questionamento inicial de uma pesquisa que foi desenvolvida pela professora Catherine Reginensi (2019a), pesquisadora visitante do CNPq³, realizada em diversas áreas de favela e conjuntos habitacionais em Campos de Goytacazes.

Jacques Rancière acredita que a partilha do sensível (2015) significa reconhecer as partes e lugares de cada em um processo dialógico que reúne todos os atores envolvidos. Esta definição da partilha remete a uma concepção ampliada da cidade, entendida como um espaço oferecido à percepção, apropriação e imaginação.

A cidade como um espaço sensível nos leva a reconsiderar a relação dialética que une a sociedade ao espaço, e, mais amplamente, o papel de atores múltiplos na transformação dos espaços urbanos que não são apenas prédios, caminhos, lugares, mas ambientes habitados.

A pesquisa de extensão AntropoArte é um desdobramento da pesquisa mencionada antes. Esta por sua vez tem como palco exclusivo a favela chamada de Margem da Linha do Rio, cujos moradores, em particular um grupo de jovens e suas famílias, vivenciaram episódios de remoção. O AntropoArte, institucionalizado na UENF, se iniciou em abril de 2017 tendo por objetivo contribuir para uma reflexão junto aos moradores da Margem da Linha⁴ sobre a qualidade dos espaços coletivos da cidade de

³ Pesquisadora visitante CNPq 314049/2013-4, PPGSP/UENF “A cidade como arena de oportunidades: Etnografia das margens da cidade, estética e partilha política do sensível.” Conferir também o ensaio (Reginensi, 2019a).

⁴ A Margem da linha recebeu esse nome - dentre outros, como Margem do Rio, Beira Linha do Rio -, na década de 1970 por estar localizada na margem esquerda da BR 101, ao longo de toda a extensão da antiga linha férrea federal, por onde trens faziam o traslado de cargas no trajeto Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro. A Margem da Linha vem passando por inúmeras modificações urbanísticas desde a sua primeira ocupação por trabalhadores da antiga Usina do Queimado, a começar pelo calçamento de suas ruas.

Campos dos Goytacazes. A pesquisa desenvolveu oficinas de fotografias caminhando na comunidade com a colaboração de jovens do grupo Oriundo, o grupo de teatro do Centro Juvenil São Pedro⁵.

Entre a experiência da imagem e a performance, a pesquisa desenvolvida trouxe interessantes cruzamentos entre arte, política e processo de urbanização bem como o acesso diferenciado à cidade (REGINENSI, 2019b).

O projeto de extensão “Integração sócio espacial, questão ambiental e cidadania”

O projeto liga-se à pesquisa Estudo da dinâmica social e espacial urbana da Região Norte Fluminense⁶, e tem por objetivo promover maior integração socioespacial da favela Matadouro e de seus moradores, em particular das crianças e pré-adolescentes, com o ambiente onde estão inseridos e com a cidade como um todo.

A favela Matadouro, onde se localiza a “Portelinha”⁷, se situa quase que invisível entre o rio Paraíba do Sul e os muros dos condomínios residenciais fechados e da UENF, instalados na avenida principal do bairro Parque Califórnia.

A contiguidade da favela Matadouro e da “Portelinha” com a UENF, na medida em que favorece a troca entre saberes científicos gerados pela Universidade e saberes locais, invoca a integração da universidade com a comunidade. O termo favela, apesar de eivado de preconceitos e estigmas é aqui adotado, por expressar mais claramente, a condição dos assentamentos desprovidos de infraestrutura e de moradia digna. Por outro lado, a favela é rica em diversidade social e cultural, revelada, inclusive na sua organização espacial.

A motivação para realizar o projeto de extensão surgiu do interesse de nos aproximarmos das crianças e pré-adolescentes, meninos e meninas, moradores e moradoras da favela, da “Portelinha” e da Goiabal⁸, que frequentam a UENF. Essas

⁵ O Centro Juvenil São Pedro está localizado na favela Margem da Linha e existe há dez anos, período no qual já atendeu cerca de cento e sessenta (160) crianças e adolescentes e suas famílias. O Centro oferece atividades de lazer para crianças e adolescentes tais como informática, teatro, capoeira e oficinas de cerâmica. O grupo de teatro Oriundo formado há oito (8) anos é a única atividade na qual os jovens prosseguem mesmo após completarem a maioridade.

⁶ Coordenado por Teresa Faria, cujo objetivo é compreender e explicar as transformações socioespaciais que deram origem à configuração urbana atual das principais cidades da região, com especial atenção aos processos que contribuíram para as desigualdades socioespaciais observadas nessas cidades.

⁷ Como é popularmente chamado o Conjunto Habitacional Matadouro construído, em 2008, pela Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes. Possui 228 apartamentos e uma área interna de uso comum. É igualmente fechado por muros.

⁸ Ocupação antiga contígua à favela Matadouro, bem na beira do rio Paraíba dos Sul. Em 2011, foi parcialmente removida. Desde então vem sendo reocupada pelos seus antigos e por novos moradores (FARIA; POHLMANN, 2016).

crianças e pré-adolescentes "ocupam" regularmente seus espaços externos, de estudos e pesquisa. Elas começaram a participar das oficinas do projeto. O propósito foi ensiná-las e ao mesmo tempo aprender com elas sobre a cidade, sua história, seus espaços públicos e o ambiente, inclusive sobre a própria Uenf.

Como nos ensinou Lefebvre, o espaço é socialmente produzido. Assim, consideramos as crianças como legítimos agentes produtores do espaço urbano, acrescentando aos nossos estudos, novas perspectivas à compreensão da cidade a partir do olhar e das práticas cotidianas do conjunto de seus habitantes, neste caso das crianças.

A maioria das crianças estuda na Escola Municipal Francisco de Assis, na favela Matadouro. Por esta razão as Oficinas “Arte-educação, ambiente e cultura” e “Educando pelo esporte e lazer”, são desenvolvidas na Escola e na Uenf. A Oficina de Arte-Educação, estimula o desenho criativo a partir da observação do ambiente, das condições urbanísticas, ambientais e culturais e também de desejo das crianças, estimulando a percepção, o conhecimento, a criatividade, a ludicidade e a reflexão. Esta inclui a Oficina de escrita livre, onde se busca a interação e a recriação significativa do território onde vivem. A perspectiva é que essas crianças, atores e atorais sociais se vejam e ajam como pequenos cidadãos que também têm direito à cidade.

2 Observações teóricas metodológicas: o acesso desigual a cidade e a cultura periférica como arte política

A discussão sobre acesso desigual a cidade com crianças e adolescentes

As crianças não são os únicos atores excluídos das políticas urbanas, incluem-se também as mulheres, os idosos, as pessoas com deficiência, com mobilidade reduzida, que encontram obstáculos físicos e simbólicos que dificultam a acessibilidade e mobilidade urbana.

Não sendo uma especialista da infância e ciente da imprecisão conceitual, assumimos aqui, a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei N° 8.069, de 13 de Julho de 1990) que considera criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade⁹. Porém sabemos dos múltiplos fatores que contribuem para conformar a identidade da criança, como a classe social, a

⁹ As crianças que participam do projeto têm entre 6 e 12 anos, mesmo porque quando atingem os 14 anos de idade começam a abandonar espontaneamente o projeto.

origem étnica, o gênero, a deficiência, mas também, de forma mais geral, os lugares e as épocas (HOLLOWAY y VALENTINE, 2000, apud GÜLGÖNEN, 2016). Por isso prefere-se falar de infâncias ao invés de uma infância homogênea.

O que de fato nos interessa é a relação das crianças com a cidade, o que as crianças sentem, percebem e concebem (TUAN, 1974) acerca dos lugares que mais frequentam na cidade, em particular da Uenf? Assim consideramos as características da cidade, do contexto econômico e social, sobretudo contextos de grandes desigualdades sociais, onde essa relação varia enormemente.

Essas crianças vivem em um contexto de favelas que se localizam em bairros de classe média o Parque Califórnia e o Horto, cercado por enclaves fortificados (CALDEIRA, 1997) impenetráveis, onde se inclui a Uenf. Esta, embora permeável¹⁰ visto que é uma instituição pública, é cercada, tem guarita de controle na entrada e seguranças espalhados pelo campus. O conjunto habitacional onde elas vivem também é um enclave murado com entrada controlada pelo tráfico de drogas que também ocupa o seu espaço interno para desenvolver os seus negócios.

Kevin Lynch, ao falar de espaços planejados para as crianças – os parques infantis – revela que estes foram pensados a partir de estudos “sobre o modo como as crianças utilizam a cidade, e particularmente os seus recantos baldios – as áreas onde o controle efetivamente dos adultos é mais fraco e onde as crianças se sentem livres para agir como desejam” (LYNCH, p. 415). O autor informa que destes estudos surgiu o modelo de parque de aventura (...).

O parque descrito não se assemelha em nada à Uenf do ponto de vista de sua concepção, mas certamente é assim que elas a veem e praticam seus espaços: rampas, muretas, árvores frutíferas, vias de circulação, laboratórios, um estacionamento de veículos deteriorados, além de um restaurante universitário.

Essas crianças, atores e atorais sociais, se por um lado, carecem de atenção e de espaços apropriados para viver e brincar, por outro, são exploradoras natas do espaço (FARIA et al., 2014), possuem engenhosidade, imaginação e resistência. Por esta razão, são consideradas, nas nossas pesquisas e no projeto de extensão, agentes importantes na produção do espaço,

¹⁰ O conceito [da arquitetura e urbanismo] de permeabilidade urbana propõe pensar a cidade de outra maneira: como um ambiente de integração. Em <https://wikihaus.com.br/blog/permeabilidade-urbana-integra-predios-e-espaco-publico/>. Consulta: 23/09/2020.

Desse modo, o nosso desafio é fazer com que elas possam usufruir da Uenf não somente enquanto um quintal ou parque de aventuras, mas também daquilo que é a sua missão precípua: educar para no sentido amplo do termo.

Outra discussão: a cultura periférica como fundamento de arte política

A produção artística das periferias pode ser considerada arte política? Nos deparamos que a maneira de tratar da periferia como objeto de estudo, muitas vezes, os discursos, sejam acadêmicos ou de militantes, mostram que nas periferias encontramos situações de pobreza, violência, tráfico, exploração, carências de serviços (educação, saúde e transportes), que poucas possibilidades de produção cultural existem. Sem minimizar as dificuldades ou sobre avaliar as possibilidades, fizemos uma escolha: trabalhar a cultura periférica na pesquisa de extensão e a sua importância política na sociedade.

Nosso ponto de partida é que a periferia tem a sua estética própria (JACQUES, 2001) podemos encontrá-la em várias expressões materiais: nos muros, nas janelas, e em tantos outros lugares com o objetivo de comunicar saberes cotidianos, manifestações de insatisfações e /ou expressões de violências. Nestes lugares chamados “periferias” podemos encontrar artistas anônimos, que produzem objetos artísticos esteticamente ricos que não têm espaço na sociedade para mostrar a sua arte. E gostaríamos acrescentar que ser pobre é ser resistência (CERQUEIRA, 2010), ser pobre não é se reconhecer nos adjetivos: “coitado(a)”, “carentes”, “ignorantes” que a sociedade, usa e abusa, mas sim sinônimo de força. A cultura e a arte, elaboradas nas margens da sociedade, incansavelmente buscam sua valorização.

No campo da antropologia, a cultura envolve tudo o que é criado pelo ser humano, produtos materiais, saberes, artefatos, produtos sociais e de comportamento, como famílias, escolas, formas de relacionamento social. A cultura é uma busca contínua de significados, que faz os seres humanos entenderem as ações do mundo. Entendemos que tais fenômenos são cultivados e repassados de geração a geração, podendo também haver invenções dos mesmos devido ao hibridismo¹¹ que a cultura acaba sofrendo com a

¹¹ O Brasil iniciou a hibridação desde o século XVI com a colonização portuguesa e logo após vieram navios que traziam as primeiras populações de escravos africanos. Houve alguns séculos depois invasões dos espanhóis e holandeses, no nordeste brasileiro, e por último as imigrações de massa de pessoas das mais variadas nações como italianos, alemães, japoneses, entre outros. Tanta diferenças e misturas ocasionou um choque cultural. E o multiculturalismo foi uma tentativa de lidar com este choque das culturas.

globalização. A capacidade do ser humano de se comunicar é antes de tudo uma capacidade de comunicação oral assim podemos transmitir os conhecimentos culturais.

No fenômeno cultural das periferias acontece claramente esse fenômeno. As manifestações culturais são múltiplas, o hibridismo torna a cultura periférica cada vez mais heterogênea. Segundo Canclini (1995), hibridação, remete aos processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. O hibridismo pode ser étnico (biológico e cultural), religioso (sincretismo), linguístico e estético. Nas periferias podemos observar várias origens culturais: pessoas do campo, pescadores, sujeitos dos sertões, afrodescendentes, indígenas, ciganos, latinos, estrangeiros e os próprios sujeitos urbanos. Cada um desses grupos com seus costumes, com formas de pensar, com sua religiosidade e com a sua culinária, faz a cultura periférica ser hibridizada, levando em conta também as influências dos meios de comunicações, principalmente a televisão e a internet.

A cultura e a Arte periféricas são muito além de objetos estéticos, obras de arte e manifestações artísticas feitas por pessoas que moram nas periferias, mas é também esse fenômeno de marginalização da cultura e da arte feita pelos indivíduos dessa localidade que expressam em suas criações o seu cotidiano e forma de cidadania.¹²

A estética do cotidiano está na subjetividade de qualquer pessoa e é totalmente ligada à identidade e experiência de vida de cada um (RICHTER, 2003). A partir das experiências dos protagonistas das pesquisas de extensão que desenvolvemos percebemos de forma relevante toda riqueza desta estética. O processo de pesquisa AntropoArte articula o campo da antropologia, produção audiovisual e arte para discutir com os interlocutores o acesso desigual à cidade e o processo complexo de mudança que alguns desses jovens e suas famílias vivenciaram ao serem removidos da favela Margem da Linha para o programa habitacional “Morar Feliz”. Esses temas foram abordados por meio da proposição dialógica de performances, caminhadas fotográficas, produção de árvores genealógicas e entrevistas com jovens e seus familiares, materiais sistematizados a partir da produção de documentários¹³ e das ações desenvolvidas pelo grupo teatral que permitiram abordar possíveis contribuições da antropologia à extensão

¹² Ver sobre este tema a etnografia de Gabriela Pereira de Oliveira Leal (2019) que provoca um deslocamento de olhar e evidencia e a elaboração de uma existência particular na cidade, informada pelas experiências de pintar na rua.

¹³ https://vimeo.com/281308664_Senha_omeulugar, <https://vimeo.com/373361324>

universitária, debatendo os significados que os interlocutores, em sua maioria jovens negros, dão as suas ações e referências estéticas.

O desafio era de provocar os “nativos” e oferecer um tempo de troca com um artista de outro país.

3. A experiência com o artista 2SHY

A experiência da pesquisadora com o grafite e os grafiteiros

A professora Catherine Reginensi (2020) se interessou por grafite depois de uma viagem em Nova Iorque, na década dos anos 1970 e ofereceu o livro *Subway* ao seu filho, o Soda, grafiteiro nasceu. O Soda transita no mundo da rua e da arte contemporânea como muitos grafiteiros e sempre fica uma referência para a antropóloga permitindo uma discussão interessante sobre a rua nas cidades, assim encontrou 2 SHY numa exposição em Paris e depois de várias interlocuções se organizou a vinda do artista no Brasil em maio de 2019.

Quem é 2SHY ?

Este artista, de formação pintor em letras, desenvolve uma trajetória autodidata, explorando uma linguagem visual que oscila entre ilustrações, criações gráficas e fontes tipográficas feitas à mão. A história da produção de 2SHY se deu sempre trabalhando sobre diversos ambientes e suportes¹⁴.

O convite e a organização/programação da vinda do artista

O projeto AntropoArte organiza a vinda de 2SHY, artista francês para o Brasil, pensando, conjuntamente com o artista, uma série de ações para ele desenvolver ao longo das três semanas que dispunha para estar no Rio de Janeiro.

A programação foi organizada sempre em parceria¹⁵ e com várias conversas via internet com o artista que tinha uma experiência com crianças (oficinas realizadas na China, na Bélgica e na França). Ele chegou no Rio de Janeiro, a onde tinha duas intervenções programadas:

¹⁴ Para conhecer mais sobre as obras do artista, ver o site <http://www.2shywashere.com/acesso> em março de 2019.

¹⁵ No Rio de Janeiro: Aliança francesa /Tijuca, Garagem das letras Rocinha. Em Campos dos Goytacazes: o Centro Juvenil São Pedro e seus educadores, Marcelo Gantos diretor, na época, do centro das Ciências humanas, as professoras Teresa de Peixoto Faria e Lilian Sálgio Cezar que acompanharam a pesquisa AntropoArte de diversas maneiras no longo do tempo.

- Na Aliança Francesa da Tijuca (produção de um mural e roda de conversa livre com os alunos e professores).

- Na ONG Garagem das letras na Rocinha¹⁶, favela de mais de 100 mil habitantes, no Rio de Janeiro, Brasil, uma roda de conversa reuniu vários atores locais da favela, professores universitários entorno do tema do deslizamento de terra. A partir de imagens que falavam de reassentamento, de deficiência do sistema de alarma (a sirena), da solidariedade entre moradores, a roda de conversa começou e o olhar do artista começou a dialogar com este contexto, criando formas de pictogramas em uma obra exposta na rua, em frente da sede da ONG que trabalha com as demandas para uma redução de riscos.

Em Campos dos Goytacazes, o artista participou de dois eventos diferentes: um na favela da Margem da linha, que ofereceu uma oficina de grafite para adolescentes, no centro Juvenil São Pedro e outra no bairro Tapera 3¹⁷.

O princípio adotado com os adolescentes primeiramente foi recolher palavras que eles, espontaneamente, nos falaram. O artista escrevia os contornos de todas as palavras e os jovens pintavam-nas criando um mural com as palavras e produzindo debates sobre os conceitos que eles traziam.

¹⁶ <https://www.ilsorrisodeimieibimbi.org/garagem-das-letras-o-cafe-literario/?lang=pt-br>

Acesso em março de 2019.

¹⁷ Os jovens protagonistas continuam participar do grupo de teatro no centro de lazer, implementado na favela, mas a maioria mora no bairro de Tapera 3, como eles chamam que faz parte de um programa de habitação Morar Feliz, programa habitacional da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, distante dos serviços e equipamentos urbanos. Conferir o documentário: <https://vimeo.com/373361324>

Figura1. Oficina de grafite, Margem da linha, biblioteca do Centro Juvenil São Pedro. Fonte: CReginensi



O segundo momento da participação do artista, foi na Universidade (UENF/CCH) onde o artista realizou:

- Uma primeira obra no muro de uma parede do Centro de Ciências do Homem, com o nome de Paulo Freire pretendia homenagear o pedagogo.

Figura2. Obra de 2SHY, Uenf /CCH, a turma da pedagogia “mise en scène”. Fonte: CReginensi



Paulo Freire obteve resultados excepcionais porque baseou sua aprendizagem da língua no primeiro reconhecimento da competência artística dos índios, capaz de encenar graficamente situações interativas. Ainda é do valor desse reconhecimento que testemunha Jacques Rancière no “Mestre ignorante” (2010).

- Uma segunda peça perto de prédio da reitoria que visava sinalizar um lugar dedicado às pessoas idosas, praticando diversas atividades.

Por fim, outro projeto de extensão intitulado “Integração socioespacial, questão ambiental e cidadania”, da responsabilidade da professora Teresa Peixoto Faria, e que mobiliza crianças do conjunto habitacional Portelinha, convidou o artista a interagir com as crianças, oferecendo uma oficina de desenho e grafite.

O grafite é uma manifestação artística familiar à maioria das crianças que participam do projeto. Normalmente praticada nos muros das ruas, foi realizado nos muros da Portelinha¹⁸.

¹⁸ Outubro de 2015, cerca de 40 grafiteiros dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro foram convocados para grafitar os muros da Portelinha, na primeira intervenção artística do projeto “Nós por Nós”. A atividade, voltada para os pequenos, ocorreu no fim de semana que antecedeu o Dia das Crianças.

Mas esta oficina com o artista 2SHY foi duplamente especial. Primeiro porque se realizou na Uenf, um lugar particularmente especial para elas, no âmbito da Oficina “Arte-educação, ambiente e cultura”, onde a atividade que mais desenvolviam era o desenho. O objetivo era reforçar o valor do grafite como expressão artística e também como manifestação crítica. Segundo, porque foi ministrada por um convidado francês.

A Uenf, até então, um espaço asséptico, ao contrário da imensa maioria dos campi universitários, recebeu seus dois primeiros grafites nas paredes do CCH (Centro de Ciências do Homem, onde as duas autoras estão integradas), aprovados pelo seu Diretor. Um executado pelo artista grafiteiro MisterBod, de Campos dos Goytacazes, e outro realizado por dois grafiteiros franceses, Soda e Dacya, que estavam na cidade em visita a Caterine Reginensi.

O interesse em oferecer a oficina para as crianças do projeto era para que elas pudessem aprender a grafitar e produzir um trabalho ao final. Primeiramente, os meninos (somente eles compareceram e participaram da atividade) ficaram maravilhados observando o artista a executar o grafite Paulo Freire, ao mesmo tempo em que aprendiam sobre este pensador e educador, patrono da educação brasileira.

Figura 3. Crianças do projeto observando 2SHY pintando, Fonte: CReginensi



Figura 4. Adolescente do projeto de extensão pintando. Fonte: CReginensi



De fato, foi um momento surpreendente de troca e interação entre os meninos e o 2SHY – se comunicavam em francês, em português, por meio de sinais – intermediado pela arte, linguagem universal.

Figura 5. Criança participando do projeto com seu desenho e “curtindo” a obra de 2 SHY. Fonte: CReginensi

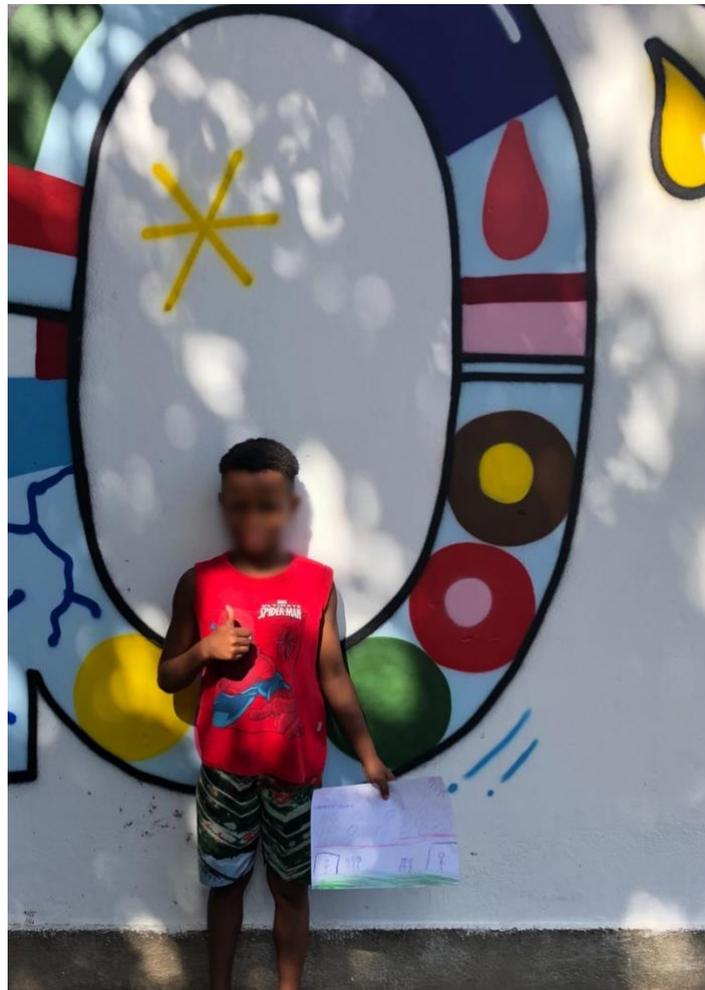


Figura 6. Acabando a oficina, o artista deu latas spray com pouca tinta e uma das crianças pintou a sua bicicleta. Fonte: CReginensi



Para que os meninos pudessem desenhar e grafitar, compramos painéis de Madeirit. Para as tintas tivemos o patrocínio de uma loja especializada local, por intermédio do colega arquiteto Rodrigo Porto. O resultado se apresentou de diferentes formas: nos desenhos livres, em papel A4 com lápis de cor e cera, na pintura da bicicleta e, como desfecho final, nos dois painéis elaborados coletivamente, pelos meninos e 2SHY, que depois de orientá-los nos desenhos participou apenas para dar o acabamento.

O segundo painel, sugerimos uma frase em homenagem à Uenf, e eles logo aceitaram. Perguntamos, então qual a frase que queriam. A resposta foi uníssona: “Viva a UENF!”.

Como esclarecem Ferreira et al. (2015), este momento confirmou que a arte é uma forma do indivíduo [neste caso a criança] contemporâneo se inserir no mundo e se situar no tempo e no espaço (FERREIRA et al. 2015, p.). E assim, por meio dessa linguagem universal, a interação dos dois projetos aqui apresentados, se concretiza. A cultura periférica como fundamento da arte política e resistência se manifesta no centro.

Figura 7. Oficina de desenho e seu resultado Fonte: CReginensi



Considerações finais

Os protagonistas de nossos projetos de extensão contam histórias. Mas o que é uma história? O que as histórias contam? John Dewey (2010) fala sobre a experiência quando você gira em torno de algo, como uma história, mas nunca acaba. Na sua obra, este autor tem como preocupação a educação do homem comum e desenvolve uma visão da arte em uma sociedade democrática, que liberta qualquer pessoa de mitos intimidantes que atrapalham a experiência artística.

As pesquisas de extensão permitem mais que qualquer outra pesquisa desenvolver juntos com os protagonistas estas experiências de vidas ordinárias, mas que importam.

Assistimos ao crescimento da autoestima dos sujeitos, eles sentiam-se valorizados, entendendo que a vida de cada um deles era uma fonte de criação que mostra a realidade em que vivem.

A relação etnográfica no processo de aquisição de conhecimento pretende abrir espaço a vários recursos de produção de dados à disposição do etnógrafo —fotografia, vídeo, gravação de áudio e se insere nas pesquisas de extensão que apresentamos;

ficamos na escuta dos jovens e crianças reconhecendo os seus direitos de ser e estar na cidade, no seu bairro, numa universidade pública.

Nestes relatos de experiências, que finalizaram com uma exposição fotográfica e um bate papo com o artista, juntando crianças e jovens da Margem da linha e da Portelinha, o objetivo foi fazer refletir e questionar a realidade vivenciada pelos sujeitos, relembrando que esta é, e sempre será, uma construção social.

Referências bibliográficas

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. Novos estudos Cebrap, n. 47, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

CERQUEIRA, Monique Borba. **Pobres, resistência e criação: personagens no encontro da arte com a vida**. São Paulo: Cortez, 2010.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano**. 15th ed. Petrópolis: Vozes; (Artes de fazer; vol. 1), 2014.

DEWEY, John, **L'art comme expérience**, Paris : Gallimard, Folio essais n°534, 2010.

FARIA, Teresa de J. P.; POHLMANN, Maria Alice. **Uma Nova Leitura do Espaço Urbano de Campos dos Goytacazes através do Olhar da Criança**: contribuição para uma história cultural urbana. Revista de Extensão UENF, V.1 N.1. 2014. p. 74-94.

FARIA, Teresa de J. P.; POHLMANN, Maria Alice. “Remoção, Resistência e Permanência da Favela no Quadro Urbano Brasileiro: O Programa Habitacional Morar Feliz, em Campos dos Goytacazes-RJ”. **Geografares**. Dezembro, 2016. p. 122-135

GÜLGÖNEN, Tuline. “Ciudadanía, espacio urbano y actoría social de la infancia: ¿Qué derecho a la ciudad para las niñas y los niños en la Ciudad de México?” In: CARRIÓN, Fernando; ERAZO, Jaime (coord.) **El derecho a la ciudad en América Latina Visiones desde la política**. México: Librunam, 2016. pp. 333-347.

JACQUES, Paola Berenstein, **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**, [s.l.]: Casa da Palavra, 2001.

LEAL, Gabriela Pereira de Oliveira. “Graffiti é existência”: reflexões sobre uma forma de cidadania. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 25, n. 55, p. 89-117, Dec. 2019. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000300089&lng=en&nrm=iso>. Acesso em junho de 2019.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Lisboa. Edições 70 LTDA. 2012.

RANCIERE, Jacques, **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**, Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2010.

REGINENSI, Caterine, **A cidade como cenário de oportunidades. Etnografia das margens**, 1. ed. Curitiba: Appris, 2019a.

REGINENSI, Caterine. “AntropoArte: Um projeto de extensão e a construção de pesquisas etnográficas”. In: **Áltera**, v.2, n.9: p. 182–200. 2019b.

REGINENSI, Catherine, “Expérimenter la rue et le monde avec des acteurs du graffiti”, **Nuevo mundo mundos nuevos**, <http://journals.openedition.org/nuevomundo/80702>, acesso em setembro de 2020.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

TUAN, Y-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Eduel. 2012.